
EM QUE CRÊEM OS QUE NÃO CRÊEM?

Umberto Eco; Carlo Maria Martini

Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Record, 2000, 160 p.
ISBN 85-01-05527-1.

Numa época em que se multiplicam os textos concebidos por força de exigências institucionais – geralmente, por isso mesmo, ancorados numa “originalidade” destinada a se configurar mais em extravagância literária do que em legítima contribuição científico-cultural – queremos falar de um contra-exemplo emblemático: o diálogo epistolar entre o Cardeal Carlo Maria Martini e Umberto Eco, registrado no livro que ora apresentamos ao leitor.

A obra *Em que crêem os que não crêem?* é parte de uma iniciativa editorial fomentada pelo jornal italiano *Liberal*, que, entre os anos de 1995 e 1996 (em cadência trimestral), publicou um acalorado debate sobre alguns dos temas mais caros à especulação humanística, como o objetivo de “indivíduoar um terreno de discussão comum entre leigos e católicos, enfrentando também os pontos onde não há consenso” (p. 35). Bem, tratar-se-ia de mero clichê dizer que a erudição e a capacidade argumentativa dos missivistas – potencializadas pelo teor polêmico dos temas propostos – são o real eixo de sustentação do diálogo. O que surpreende o leitor, no entanto, é o modo pelo qual ambos resolveram assumir o debate, a saber: referindo-se reciprocamente “por seus nomes próprios”, sem referência “às vestes que envergam” (p. 11); uma “troca de reflexões entre homens livres” (p.12) balizada por convicções e experiências pessoais nem sempre facilmente absorvidas no curso das vidas dos autores das cartas:

[...] sinto-me embaraçado para responder a sua pergunta, pois minha resposta seria significativa se eu tivesse tido uma educação laica e, pelo contrário, tive uma forte influência católica até (para assinalar o momento de uma ruptura) os vinte e dois anos.
(UMBERTO ECO, p. 79)

Quatro são os temas escolhidos por eles para compor o diálogo. Eis uma visão esquemática deles:

i) o Apocalipse:

i.a) *A obsessão laica pelo novo Apocalipse* (Umberto Eco)

i.b) *A esperança faz do Fim “um fim”* (Carlo Maria Martini)

ii) o valor da vida / a interrupção da gravidez:

ii.a) *Quando tem início a vida humana?* (Umberto Eco)

ii.b) *A vida humana participa da vida de Deus* (Carlo Maria Martini)

iii) o papel da mulher na Igreja:

iii.a) *Os homens e as mulheres segundo a Igreja* (Umberto Eco)

iii.b) *A Igreja não satisfaz expectativas, celebra mistérios* (Carlo Maria Martini)

iv) a ética:

iv.a) *Onde o leigo encontra a luz do bem?* (Carlo Maria Martini)

iv.b) *Quando o outro entra em cena, nasce a ética* (Umberto Eco)

O tom polêmico (e, às vezes, até mesmo cáustico) das intervenções impede, em definitivo, qualquer traço de passagem aborrecida. Nenhuma munção é poupada no embate entre os que escrevem. Lê-se, por exemplo, a propósito do primeiro tema:

Considero que estamos diante de um milenarismo desesperado todas as vezes em que o fim dos tempos é visto como inevitável, em que qualquer esperança cede lugar a uma celebração do fim da história ou ao apelo ao retorno a uma Tradição atemporal e arcaica que nenhum ato de vontade e nenhuma reflexão, já não digo racional, mas razoável, poderia enriquecer. Daí nasce a heresia gnóstica (mesmo em suas formas laicas), para a qual o mundo e a história são frutos de um erro e somente alguns eleitos, destruindo os dois, poderiam redimir o próprio Deus [...]. (UMBERTO ECO, p. 17)

E Carlo Maria Martini:

Para que um pensamento do fim nos torne atentos ao futuro, assim como ao passado a ser revisto criticamente, é necessário que este fim seja “um fim”, tenha o caráter de um valor final decisivo, capaz de iluminar os esforços do presente e dar-lhes significado [...]. A experiência mostra que só é possível arrepender-se de alguma coisa quando se pode entrever a possibilidade de fazer melhor. Fica amarrado a seus erros aquele que não os reconhece como tais, pois não entrevê nada melhor diante de si, perguntando-se então por que deveria deixar o que já tem (p. 25).

Ou ainda, sobre o papel da mulher na Igreja:

Se a Igreja quer excluir as mulheres do sacerdócio – repito – tomo conhecimento, aceito e respeito sua autonomia em matérias tão delicadas [...]. Mas como intelectual, como leitor (de longa data) das Escrituras, cultivo perplexidades que gostaria de esclarecer. [...] é indubitável que Cristo se sacrificou tanto pelos homens quanto pelas mulheres e

que, desprezando os costumes de seu tempo, conferiu privilégios altíssimos a seus seguidores de sexo feminino [...]. Não seria isto tudo uma indicação clara de que ele, em desacordo com as leis de seu tempo e na medida em que podia legitimamente violá-las, quis dar algumas indicações claras acerca da paridade dos sexos, se não diante das leis e dos costumes históricos, pelo menos em relação ao plano da Salvação? (UMBERTO ECO, p. 47-49).

E sobre a fundamentação da ação moral do Homem:

Tenho dificuldades para enxergar como uma existência inspirada nestas normas (altruísmo, sinceridade, justiça, solidariedade, perdão) pode sustentar-se a longo prazo e em qualquer circunstância se o valor absoluto da norma moral não está fundado em princípios metafísicos ou em um Deus pessoal. (CARLO M. MARTINI, p. 75)

Um legítimo exercício dialético praticado na forma de epistolário público no qual a erudição e a força comunicativa unem-se numa síntese de influência irresistível. Aliás, vale dizer que a repercussão do debate entre os leitores do jornal – e da mídia italiana como um todo – implicou no alargamento da discussão com interlocutores ulteriormente convidados a mediar o diálogo entre Martini e Eco, a propósito dos temas que lhe são mais caros. São eles os filósofos Emanuele Severino e Manlio Sgalambro, os jornalistas Eugenio Scalfari, Indro Montanelli, o teórico de esquerda Vittorio Foa e o ex-ministro e ex-secretário do Partido Socialista Italiano, Claudio Martelli. Por fim, à guisa de remate, foi proposta ao Cardeal Martini uma breve retomada dos elementos centrais e mais significativos do debate (registrada a partir da p. 145).

Abrimos mão, aqui, de manifestar a nossa impressão pessoal sobre um eventual “vitorioso” nesta *titanomaquia*. De fato, seria de uma arrogância inescusável assumir publicamente o papel de árbitro de missivistas desta qualidade. Poderíamos dizer, entretanto, sem receio de cometer injustiça, que o *Em que crêem os que não crêem?* é um reforço emblemático à tese segundo a qual os verdadeiros livros não são aqueles escritos só para os estudiosos. Por isso mesmo, uma daquelas obras que todos deveriam ler.

Dennys Garcia Xavier

Doutor em *Storia della Filosofia* pela *Università degli Studi di Macerata*, Itália/CAPES.

Professor adjunto de Filosofia Antiga da *Universidade Federal de Uberlândia* (UFU).

Diretor Acadêmico do *Núcleo de Estudos em Filosofia Antiga e Humanidades* (NEFAH-UFU).

E-mail: dennysgx@gmail.com

Endereço para correspondência:

Rua João Ruggiardini, 151

Bairro Chancia

CEP 38.442-062 – Araguari (MG)

